



O ENCONTRO É O *SETTING* – RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO

The Encounter is the Setting - An Experience Report of a Service in Psychological Emergency

MARIA CLARA RABELO FERREIRA SILVA*

La Reunión es el Escenario - Relato de Experiencia de un Servicio en el Guardia Psicológica

PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA**

Resumo: O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico que ocorre de forma imediata à procura por tal serviço, sem a necessidade de agendamento prévio. O encontro plantonista-cliente, no qual ambos desvelam a situação existencial deste que procura, é sua finalidade, pois propicia a integração de fragmentos da história e elaboração da vivência atual, promovendo novos posicionamentos e o resgate de autonomia. Sua estrutura é flexível, moldando-se de acordo com a demanda e necessidade daquele que o procura e da instituição que o oferta. Este artigo objetiva ilustrar a inventividade e a flexibilidade exigidas de uma plantonista por meio de um relato de experiência de atendimento. Como método, recorre a um trecho do diário de bordo da plantonista e o coteja com a literatura científica acerca dessa modalidade de atendimento. O atendimento narrado exigiu que a plantonista deixasse o setting tradicional (consultório) para ir ao encontro da cliente onde e como era possível a ela naquele momento. Assim, contribuiu para o resgate de uma familiaridade com o mundo em torno, que a estava afligindo.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Clínicas-escolas; Fenomenologia Existencial; Intervenção em Crise; Psicologia Clínica

Abstract: Psychological Emergency is a kind of psychological care defined by the immediate response when one demands it. In the therapist-client encounter, the objective is to unveil this one's existential situation, providing integration of fragments of history and the elaboration of the current experience, promoting new positions and the rescue of autonomy. Its structure is flexible, molding itself according to the demand and need of the one who demands it and the institution which offers the service. This article aims to illustrate the inventiveness and flexibility required of an on-duty psychologist. The service required to let go of the traditional setting (office) to meet the client where and when possible for her at that moment. Thus, it contributed to recovering familiarity with the world around her, which was afflicting her. After a theoretical introduction, the article presents the psychology student's experience report about this encounter.

Keywords: Psychological Duty; School-clinics; Existential Phenomenology; Crisis Intervention; Clinical Psychology

Resumen: La Guardia Psicológica es una modalidad de atención psicológica constituida por la atención inmediata en la búsqueda de dicho servicio. En la reunión de cliente y terapeuta, buscarse revelan la situación existencial de éste que busca, proporcionando la integración de fragmentos de historia y la elaboración de la experiencia actual, promoviendo nuevas posiciones y el rescate de la autonomía. Su estructura es flexible, dando forma a la demanda y necesidad de quien la exige y de la institución que la abastece. Este artículo tiene como objetivo ilustrar la inventiva y la flexibilidad requeridas de una psicóloga de guardia. El servicio le exigía abandonar el setting tradicional (clínica) para reunirse con el cliente como fuera posible para ella en ese momento. Por lo tanto, contribuyó al rescate de una familiaridad con el mundo que la rodeaba, que la afligía. Después de la introducción teórica, presenta un registro de la estudiante de psicología.

Palabras-clave: Guardia Psicológica; Escuela Clínica; Fenomenología Existencial; Intervención en la Crisis; Psicología Clínica

* Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: mcrabelofs@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5567-5094>

** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: pauloeevangelista@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9691-6141>



Introdução

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico que ocorre de forma imediata à procura por tal serviço, ou seja, no momento que a pessoa está vivenciando aquilo que de alguma forma a aflixe e a faz buscar o auxílio da psicologia, sem necessidade de agendamento prévio (Morato, 1999; Cury, 2009; Mahfoud, 2012; Rosenthal, 2012; Tassinari, 2013). Furigo (2006) comenta sobre o caráter emergencial desses atendimentos e como podem ter um efeito preventivo devido a sua ação rápida. Na sua visão, a velocidade na resposta à demanda contrapõe a ideia de que demandas de cunho emocional não requerem urgência, configurando o sofrimento psíquico como algo menos grave ou pouco relevante se comparado a outros aspectos da saúde humana.

Trata-se de uma modalidade de prática psicológica desenvolvida no Brasil, inspirados em *walk-in clinics* norte-americanas, ou seja, clínicas psicológicas em que os clientes poderiam solicitar atendimento sem agendamento prévio. Formulado inicialmente a partir da abordagem psicológica de Carl Rogers, a abordagem centrada na pessoa, o Plantão Psicológico consolidou-se no Brasil e hoje há serviços fundamentados também na psicologia fenomenológica, na psicanálise e na cognitivo-comportamental (Branco, 2021)¹.

Para que o Plantão Psicológico possa acontecer dessa forma, é necessário que o serviço seja oferecido em um horário fixo, pré-determinado e de conhecimento público para que a comunidade possa procurá-lo (Mahfoud, 2012; Rocha, 2009). Além disso, é fundamental que não haja interrupções no serviço (Scorsolini-Comin, 2015), pois o cliente beneficia-se muito do suporte advindo da certeza de que, caso ele precise, o Plantão Psicológico estará disponível naquele lugar, naquele dia e naquela hora. Como bem define Mahfoud (2012) sobre essa confiável prontidão: “A experiência de plantão como momento significativo da pessoa ante sua problemática tende a se tornar referência-existencial: portas abertas que podem significar facilitação para um novo pedido de ajuda ou facilitação para suportar a espera do início de um outro processo” (p. 27).

Posto isto, entende-se que o vínculo das pessoas que frequentam esse serviço é com o próprio serviço e não com um plantonista específico (Silva, 2022). O retorno ao atendimento da pessoa atendida vai depender de uma decisão dela mesma, uma vez que é ela quem define se e quando vai precisar de outro atendimento. Ou seja, os atendimentos não se constituem por processos que se distendem temporalmente, mas por um encontro único ou alguns poucos encontros, dependendo da necessidade do cliente e do modo que o serviço foi estruturado em cada instituição (Vasconcelos, Souza e Cavalcante Jr., 2009; Rocha, 2009; Cury e Ramos, 2009).

Sobre as diferenças institucionais mencionadas, faz-se necessário evidenciar a plasticidade do Plantão Psicológico (Morato 2009), isto é, sua capacidade de se moldar de acordo com a demanda e a necessidade tanto daquele que o procura quanto da instituição que o oferta. Isso só é possível devido à flexibilidade da sua estrutura e do seu modo de funcionamento. Embora o serviço tenha algumas condições indispensáveis, como o atendimento ser imediato e a postura dos plantonistas, elas podem aparecer de diferentes maneiras e jeitos (Morato, 2009; Rocha, 2009; Tassinari, 2013). É justamente essa plasticidade que viabiliza a implementação dessa modalidade de atendimento em diferentes espaços institucionais e para diferentes públicos (Morato, 2009). Souza & Souza (2011) exemplificam alguns desses espaços, tais como hospitais gerais, hospitais psiquiátricos, instituições judiciárias, clínica-escola, clínicas privadas, escolas, penitenciárias etc. Porém, faz-se importante ressaltar que, embora instituições de uma mesma área exerçam uma função semelhante, elas têm sua singularidade e suas peculiaridades, uma vez que o serviço é permeado tanto pela intersubjetividade dos atores institucionais quanto pela cultura e a tradição da própria instituição. Ou seja, acontece num *mundo* público e é atravessado pelas significações e tonalidades afetivas que o caracterizam (Heidegger, 2012). Nessa perspectiva, não se pode generalizar o funcionamento do Plantão Psicológico em clínicas-escolas para outras instituições, como se fossem práticas iguais.

Para além dos aspectos estruturais de como o Plantão Psicológico é ofertado e organizado em cada instituição - que, como foi dito, não são aspectos fundamentais que definem essa modalidade de atendimento - destaca-se o modo de estar de prontidão, ou melhor, como o plantonista se posiciona desde a espera por aquele que pode vir a procurá-lo. Vale lembrar que, sem agendamento prévio, nunca se sabe quem virá solicitar atendimento, nem mesmo se alguém o fará, e o que trará como pedido, queixa e demanda (Morato, 2006; Evangelista, 2016b). O Plantão Psicológico deve ser um debruçar-se sobre a situação existencial daquele que se apresenta, propiciando esclarecimento e explicitação de vivência imediata daquela pessoa, incluindo o que a impeliu de buscar ajuda psicológica, assim como os seus recursos e possibilidades para lidar com tal situação. Nesse caso, o que está em jogo é a totalidade da experiência vivida que se apresenta e não apenas a sua queixa,

¹ Por não haver prática psicológica correspondente em outros países, ainda não há consenso quanto à nomenclatura em inglês e espanhol. Neste artigo, seguimos os termos utilizados por Branco (2022) em sua revisão histórica do serviço, a saber, *Psychological Duty* e *Guardia Psicológica*. Outras traduções encontradas em abstracts de artigos brasileiros são: *Emergence Psychological Services*, *Psychological emergency Attendance*, *Urgent Care*



isto é, aquilo que ela apresenta - explícita e implicitamente - que a incomoda e que ela traz como razão para a sua procura por atendimento (Schmidt, 2004; Mahfoud, 2012; Tassinari & Durange, 2012; Mahfoud, 2013; Mahfoud, 2018, Silva, 2022).

Por outro lado, Morato (2006), a partir da história do Plantão Psicológico, começando pela sua origem, foi questionando e desconstruindo como ele vinha sendo feito até então. A autora conseguiu demonstrar como o serviço foi deixando de ter uma estrutura fixa e enrijecida ao longo dos anos para ir configurar-se cada vez mais como “um modo clínico de estar junto ao sofrente” (p. 8). Nessa perspectiva, o Plantão Psicológico é um modo de estar; nem mesmo uma queixa explícita ou um pedido por ajuda psicológica explícito é necessário para dar início a um atendimento, a “pro-cura” (p. 8) por uma escuta basta. A autora divide a palavra, seguindo a interpretação de Pompeia e Sapienza (2004), ou seja, de que quem pro-cura está dirigindo-se (*pro*: adiante) ao cuidado (*cura* no sentido etimológico de cuidado). Assim, para Morato (2006), a atitude clínica configura o modo de fazer Plantão Psicológico.

A partir de uma queixa explícita e um pedido formal por atendimento ou uma “pro-cura”, o encontro entre plantonista e cliente é o momento em que se busca, juntos, compreender o cliente e o que ele está vivendo naquele momento à luz da sua própria história que não só o trouxeram até ali, mas que também o constituem como ser. Com isso, o Plantão Psicológico favorece e oportuniza ao cliente integrar os fragmentos da sua história e elaborar a sua vivência, de modo que novas compreensões sobre si e sobre sua situação possam surgir, dando-lhe a chance de se posicionar existencialmente de modo diferente e retomar sua autonomia perante sua própria vida e história (Rocha, 2009; Evangelista, 2016; Silva, 2022). Nas palavras de Evangelista (2016a):

O psicólogo neste contexto é testemunha fenomenológica existencial, zelando para que o acontecer histórico-biográfico do outro possa aparecer tal como é. É, portanto, um possibilitador de situações de apropriação que precisa estar atento e disponível para acolher o que vier, como vier, no momento que vier (p. 224).

Em vista do exposto, é imprescindível destacar que o papel do plantonista é acompanhar aquele que fala e se apresenta. Para isso é preciso disponibilidade e abertura, além da ciência de que não cabe a ele decidir o que é melhor para o seu cliente ou solucionar aquela situação (Mahfoud, 2012; Rosenthal, 2012; Silva, 2022). Pelo contrário, o plantonista deve “cultivar a responsabilidade do cliente pelo cuidado com seu existir” (Evangelista, 2016a, p. 25). Silva (2022) explicita como essa postura do plantonista não é passiva, longe disso, precisa de um constante esforço e vigilância. Fica evidente que sendo o papel do plantonista estar-junto, acompanhando o movimento daquele que o procurou, não tem espaço para protocolos de atendimentos, para julgamentos pessoais ou para a busca de soluções e diagnósticos. É justamente essa presença atenta e o interesse genuíno que vai contribuir para um ambiente terapêutico de segurança que não só permite, mas também convida a pessoa que procurou o Plantão Psicológico a falar de si e daquilo que a aflige, ao mesmo tempo em que também se ouve de modo que ambos estejam juntos compreendendo e refletindo sobre o que está sendo contado ali (Mahfoud, 2012; Rosenthal, 2012; Silva, 2022). Sem conhecimento prévio de quem vai procurar, do que vai aparecer, de protocolos a serem cumpridos e de técnicas prontas, os plantonistas esperam o imprevisível, põem-se verdadeiramente de prontidão ao desconhecido. Tornam-se, assim, testemunhas legítimas do cliente, do seu sofrimento, da sua história e de como se destina. Os clientes, uma vez testemunhados, são autenticados na sua existência e nas suas possibilidades (Morato, 2009; Evangelista, 2016a).

Destarte, este trabalho tem como objetivo ilustrar um atendimento de Plantão Psicológico através de um relato de uma plantonista. Por muitas vezes, a teoria, por mais clara e bem articulada que seja, não consegue descrever a experiência na prática. Somado a este limite, quando se fala sobre o Plantão Psicológico, tem-se também a plasticidade do serviço – que implica em uma diversidade significativa nas formas de se fazer Plantão Psicológico - e a ausência de um setting terapêutico bem definido ou de um protocolo de atendimento pré-definido. Logo, a prática e a experiência de atender em Plantão Psicológico podem parecer ainda mais distantes e ocultadas pela especulação do que poderia acontecer diante tamanho desconhecimento do que pode vir a aparecer. Isso fica ainda mais evidente para os plantonistas que estão começando e ainda não têm a sua própria experiência para sedimentar a teoria. Dessa forma, o intuito deste artigo é auxiliar a compreensão de como o modo de estar em plantão do plantonista é fundamental para o fluir de um atendimento de Plantão Psicológico.

Método

No presente artigo, é apresentado um relato – trecho de um diário de bordo – de um atendimento que aconteceu no Plantão Psicológico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2019. Como foi dito anteriormente, cada instituição tem o seu modo de organizar e oferecer o Plantão Psicológico, portanto, faz-se necessário descrever como o serviço acontecia nessa universidade, na época em que aconteceu o atendimento. Os atendimentos eram oferecidos para a comunidade interna da UFMG, todas as quintas-feiras das 13 horas às 16 horas, sendo que o horário de inscrição para solicitar que fosse atendido ocorria das 12 horas e 30 minutos até as 14 horas e 30



minutos. A diferença de horário era necessária para garantir que todos inscritos fossem atendidos naquele mesmo dia. A procura pelo atendimento deveria ser sempre voluntária e sem agendamento prévio. Caso alguém ligasse para agendar, a secretaria do Serviço-escola de Psicologia Aplicada (SPA), onde acontecia e ainda acontece o serviço, avisava que não tinha agendamento, bastava aparecer naquele dia e horário. Sendo assim, também não eram agendados retornos. Ao final de todo atendimento, os plantonistas eram orientados a lembrar ao cliente do horário de funcionamento do serviço e afirmar que poderiam sempre voltar quando e se quisesse. Todos os plantonistas e o coordenador-supervisor ficavam reunidos em uma grande sala. À medida que as pessoas chegavam à procura do Plantão Psicológico, elas eram encaminhadas para a sala de espera e lá mesmo faziam a sua inscrição. A cada solicitação de atendimento, uma dupla de plantonistas se prontificava a atender aquela pessoa. Os atendimentos, portanto, aconteciam ao mesmo tempo em diversas salas de atendimento do SPA (Silva, 2022).

Ao final dos atendimentos, os plantonistas, ainda com a pessoa atendida, preenchiam um breve formulário com informações pessoais básicas para o registro dela no serviço-escola e documentação do serviço psicológico prestado (prontuário). Também era solicitado à dupla um relatório do atendimento com algumas considerações teóricas por fins didáticos e de registro interno da equipe. Por fim, todos os plantonistas eram convidados e fortemente incentivados pelo coordenador-supervisor que mantivessem um diário de bordo, no qual deveriam narrar as suas experiências como plantonistas, enfatizando a vivência pessoal nos atendimentos. Essas narrativas eram livres, a fim de esclarecer para eles mesmos como se sentiram, como foram tocados pelo que aconteceu, o que pensaram, quais caminhos percorreram, quais possibilidades se abriram durante e quais permaneceram ocultas etc.

Os Diários de Bordo - também conhecidos como Diários de Campo - têm sido usados como ferramentas metodológicas de formação profissional (Marcondes, 2002; Soares et al., 2011; Oliveira, 2014; Larcher, 2019). Os Diários de Bordo reúnem registros autobiográficos que dão a ver o processo formativo do profissional, pois guardam sua experiência individual, isto é, como foi tocado pela situação em questão, quais pensamentos e sentimentos lhe ocorreram etc. Trata-se, portanto, de um registro íntimo e subjetivo, que propicia reflexão sobre o vivido (Freitas e Pereira, 2018) e explicitação das pré-concepções implícitas na prática. Escritos como narrativas, são “uma das formas através da qual o ser-no-mundo exercita a sua compreensibilidade” (Dutra, 2002, p. 375). Roese, Gerhardt, Souza e Lopes (2006) definem o registro no diário como:

[...] uma fotografia instantânea que descreve um momento de observação e as percepções do pesquisador, que se sabe não ser neutro e que, mesmo sem intenção, leva a campo seus pré-conceitos, idéias e posições e, a partir delas, elabora sua leitura da realidade².

A autora deste artigo é plantonista e fazia parte da equipe do Plantão Psicológico da UFMG em 2019. O autor é supervisor e coordenador do serviço. Seguindo as orientações do supervisor, a plantonista cultivava um Diário de Bordo. Diante de um atendimento especialmente marcante em sua vida, ela dedicou-se mais ao seu registro, talvez por sentir uma necessidade de compreender melhor o que tinha acabado de acontecer e como aquele encontro tão genuíno e significativo impactava na sua vida e na sua formação. Destaca-se que este relato foca exclusivamente na experiência da plantonista enquanto realizava o atendimento. Logo, não faz parte do objetivo desse trabalho discutir o caso clínico ou elucidar a experiência da pessoa atendida. Foram retirados do texto original qualquer menção à paciente que pudesse ser usada para identificá-la, assim como foram substituídos trechos a fim de zelar pela privacidade dela. Por fim, reitera-se que a ausência de informações sobre a história da paciente é proposital, uma vez que não é o foco deste trabalho. Nesse sentido, cumpriram-se as diretrizes de ocultação profunda da identidade da pessoa atendida (Stajner-Popovic, 2001).

O trecho do diário de bordo a seguir está escrito na primeira pessoa, dado que é uma narrativa espontânea da plantonista. Pela mesma razão, a linguagem é marcada pela informalidade.

Trecho do Diário de Bordo da Plantonista

Acredito que esse atendimento começou ainda antes da minha chegada na faculdade. Quando estava quase chegando, pelo relógio do carro, percebi que chegaria atrasada. Assim, ao parar no sinal vermelho, entrei no *whatsapp* para avisar o grupo que atrasaria alguns minutos. Nesse momento, vi as mensagens informando que uma menina estava ali desde às 9h, chorando e dizendo que não aguentava mais sua vida. Não consigo lembrar das palavras exatas, mas foi essa a mensagem que ficou para mim. Quando deixei o celular e voltei minha atenção para a direção, de alguma forma, estava ligada àquela menina. Abaixei o rádio e, consciente da importância do plantão, rezei. Para além da minha crença, acredito que naquele momento estava me preparando para estar de prontidão, deixando minhas próprias emoções e compromissos e me abrindo ao desconhecido que encontraria no Plantão Psicológico. Foi uma mudança tão abrupta, em um minuto estava com o som no talo, cantando e dirigindo rápido do jeito que gosto. No outro, estava introspectiva, com uma música mais calma e baixa. Olhando em retrospectiva, reconheço a importância desse despertar.

A demanda do atendimento veio pelos dois rapazes plantonistas que haviam começado o atendimento com a cliente. Entretanto, dizendo não estar se sentindo confortável, ela retirou-se da sala de atendimento e

² Artigo online, sem paginação.



foi para o banheiro feminino mais próximo. Eles, por sua vez, estavam preocupados com ela e pediram para que uma moça fosse vê-la. Assim, fui ao seu encontro.

Ao chegar no banheiro, encontrei-a encostada no cantinho, tremendo e com um choro engasgado. Apresentei-me dizendo meu nome e que estava preocupada com ela. Perguntei se poderia ficar ali com ela. Sem dizer uma palavra ou olhar para mim, fez que sim com a cabeça. Então continuei ali e me preocupei em olhá-la para que, de alguma forma, pudesse comunicar que estava ali com ela. Porém, ela me parecia ficar desconfortável com meu olhar, virava-se para a parede, escondendo o seu rosto. Sendo assim, na tentativa de dar-lhe mais espaço e aliviar seu desconforto, optei por olhar para outro lugar, apesar de manter-me ali presente e disponível. Quando percebi, através do espelho, que ela chorava, eu lhe entreguei um papel toalha dobrado. Nesse primeiro momento, fiz alguns comentários como “me parece que você está sofrendo muito, né?” ou ainda “gostaria que soubesse que estou aqui com você, não sei o que é, mas percebo que tem algo te incomodando muito e gostaria que soubesse que agora não está sozinha”. Porém, ela continuava em silêncio e em um sofrimento quase que palpável. Sinceramente, não lembro de ter visto nada assim.

Fomos interrompidas por uma menina que entrou querendo usar o banheiro. Surpresa, ela olhou para a cliente, olhou para mim e me perguntou se estava tudo bem. Fiquei incomodada com a pergunta direcionada a mim, mas respondi que sim e abri espaço para que ela pudesse entrar na cabine atrás de mim, querendo que ela sumisse logo. Instantaneamente, a cliente pegou a mochila, colocou nas costas e saiu às pressas. Pus-me a correr, chamando-a. Consegui alcançá-la no meio da escada, encostei no seu braço, parando-a, olhei nos seus olhos e pedi que não fosse embora. Disse que via que estava sofrendo e que eu não ficaria bem sabendo que ela foi embora daquele jeito. Ela me olhou, mas não disse nada. Eu continuei dizendo que não era preciso conversar, podíamos apenas andar ou sentar em algum lugar em silêncio. Perguntei se queria ir lá fora e tomar um ar. Mantendo-se calada, aponte para um banco e perguntei se poderíamos sentar lá. Com um novo aceno de cabeça afirmativo, nos direcionamos para tal banco.

Meu sentimento preponderante era a calma, estava tranquila e na minha cabeça continuavam as minhas preces para que pudesse fazer a diferença. Aquele sofrimento cortava meu coração, era algo tão nítido, tão forte. Me sentia tão impotente e com um desejo tão grande de ser útil, de aliviar aquele sentimento, nem que fosse apenas com a minha presença. Porém, o silêncio do banco foi pior, comecei a sentir um certo desespero. Será que ela não vai falar nada? As distrações também eram bem maiores... pessoas conhecidas passando em frente, barulhos de vários lugares, o medo de me procurarem e não saberem onde estou. Mas estava consciente disso. Em outros atendimentos eu já havia aprendido que estar disponível para o outro não é uma atitude passiva, exige muito esforço. Sendo assim, não me martirizei por pensamentos quaisquer que vieram à tona, mas sempre os expulsava dizendo para mim mesma que naquele momento não se tratava de mim, e, sim, dela. Lembrei também de uma grande lição que aprendi em supervisões em outros contextos, o que me ajudou muito: o tempo é sempre do paciente, cabe aos psicólogos terem a capacidade de respeitá-los.

Sentada no banco, podia senti-lo tremer, tamanha intensidade eram os tremores da cliente. Ela me parecia estar sendo sufocada ao mesmo tempo que estava engasgada. Seu corpo me parecia todo contorcido... os pés meio tortos, as pernas enrijecidas, o estômago contraído para dentro, como se estivesse levando vários socos ali... E ela parecia tentar falar algo, seus lábios frequentemente se mexiam, apesar de não sair nenhum som. Eu comuniquei que tinha a impressão de que algo queria sair, mas que parecia estar preso ali dentro. Dei o exemplo que ela chorava, mas poucas lágrimas caíam; ela parecia tentar falar, mas nenhum som fazia; ela se contorcia como se algo ali dentro estivesse doendo. Ao final, perguntei se aquilo fazia sentido para ela. Quando comecei a suspeitar que ela nem mesmo tinha ouvido o que eu falei, escutei sua voz baixinha e falha, respondendo que não sabia. Confesso que fiquei feliz pois, de alguma forma, aquela fala me mostrou que ela estava consciente da minha presença ao seu lado.

Depois de mais um tempo em silêncio, resolvi falar, pois o silêncio me parecia eterno e começava a não fazer mais sentido. Fui muito sincera ao dizer, com muito cuidado, que ela havia procurado ajuda no Plantão Psicológico, então imaginava que não apenas algo não estava bem como também ela não estava conseguindo sozinha e perguntei o que estava acontecendo. Em meio a todo engasgo e contorções, ela falou a primeira frase desde o nosso encontro no banheiro; disse que havia procurado ajuda, mas quanto mais pensava, mais percebia que nada poderia ajudá-la. Só me dei conta que ela tinha uma voz naquele momento. Lembro-me da minha surpresa ao ouvi-la.

Com extrema dificuldade, ela disse que não suportava mais continuar em casa, mas não tinha para onde ir. Logo em seguida, o que estava impedindo de falar piorou. Contorcia-se ainda mais, claramente sentia uma dor muito grande no estômago. Sua dificuldade de respirar também aumentou significativamente. Eu fiquei realmente muito preocupada, perguntei se podia fazer algo por ela. Imediatamente, fez-me um gesto com a mão e disse: “passa”. Assim, muito angustiada, esperei ao seu lado o fim daquilo (que até agora não consigo nomear). Muito tempo depois, perguntei se ela não queria tentar me contar alguma coisa, talvez falar pudesse ajudá-la. Ela poderia até começar por algo que não fosse tão difícil. Ela, então, me respondeu que jurava estar tentando. Comovida, comuniquei que percebia o seu esforço e sabia que estava tentando e questionei se havia alguma coisa que pudesse facilitar para ela. Quando ela respondeu que doce sempre ajudava, foi um alívio, fui tomada de esperança! Talvez, eu pudesse ajudá-la realmente. Logo combinamos de ir à sala da equipe pegar a minha carteira e ir até a cantina universitária.



Quando a reencontrei no corredor, pareceu-me outra pessoa. Contou-me que havia ficado perdida no prédio do serviço-escola quando chegou. Perguntou-se onde estávamos antes e onde eram as coisas. Aquela era sua primeira vez no prédio. Na cantina, escolheu uma palha italiana. Ao perguntá-la se ela queria sentar-se em uma das mesas, ela disse que não visto que lá havia muitas pessoas. Então saímos caminhando e não demos muito a passar perto dos gatos que habitam o prédio da faculdade. Percebendo a presença dos animais e os observando-os com interesse, contou-me que adorava gatos. Ela foi em direção a eles. Eu a acompanhava. Ela me pareceu ter ficado encantada. Fez carinho em um deles, conversou de maneira muito gentil e simpática com uma senhora que os estava alimentando. Estou fazendo questão de relatar esses pequenos detalhes, pois foi uma surpresa gigante vê-la daquela forma, uma surpresa muito boa. Havia vida em seus olhos, doçura na sua voz e, confesso, um alívio em meu coração.

Ao nos sentarmos no lugar escolhido, ela contou que ficara sabendo do serviço-escola por um segurança da universidade, quando teve uma crise de ansiedade tempos atrás. Então, perguntou-se sobre o SPA. Expliquei o que era, seus serviços e aproveitei para falar sobre o plantão. Quando terminou sua palha italiana, respirou e falou que talvez eu pudesse ajudá-la sim. Então, começou a me explicar que sua mãe não tinha feito uma coisa específica, mas várias pequenas coisas ao longo de muito tempo e assim ela chegara no seu limite. Não se sentia amada pela mãe e tratada com indiferença pelos irmãos. Ao mesmo tempo, era o orgulho da família por ter ingressado na universidade e por seu ótimo desempenho acadêmico. A partir daí, contou sobre o cotidiano na sua casa, das suas relações familiares e de sua vida acadêmica excepcional. Enquanto a ouvia, comecei a sentir que estava diante de uma mulher genial (no sentido de gênio, de inteligência).

Ela falou continuamente sobre muitas coisas e eu apenas a ouvia. Fiz algumas perguntas apenas quando não entendia alguma coisa e alguns comentários quando o que ouvia me chamava muita atenção. Resumidamente, ela me contou como se sentia pressionada pela família e pela universidade. Ela não falou em nenhum momento de diversão ou de prazer, apenas de estudos e compromissos acadêmicos. Pelo contrário, sentiu-se proibida de divertir-se, pois isso poderia atrapalhar seu bom desempenho. Da mesma forma, sentiu-se impedida de relacionar-se, de namorar.

Considerou que naquele momento não estava aguentando mais tudo isso, tinha chegado no seu limite. Só vislumbrava o sair de casa como alternativa, mas não tinha para onde ir por razões financeiras. Assim, sem caminhos possíveis, ela acordara naquela manhã desejando fazer algo para morrer. Percebendo-se assim, procurou o serviço-escola de que lhe falara o segurança da universidade no passado. Ao me relatar isso, contou-me também que continuava temerosa quanto ao que poderia fazer contra si mesma ao sair dali.

Ao ouvir toda sua história pedi que me acompanhasse de volta para o SPA e me esperasse alguns minutos para falar com meu supervisor. Esse intervalo no atendimento tem sido utilizado como um momento para a plantonista tomar posse de como está se sentindo e pensando antes de finalizar o atendimento. Também permite que o cliente reflita sobre o que acaba de ouvir-se falando.

Na supervisão, foi considerada a importância investigar se havia alguém que pudesse oferecer algum suporte nesse momento, alguém que ela confiava. Também foi pensada o uso do agendamento de um retorno como o compromissar-se com um encontro dali a alguns dias. Também consideramos destacar para ela a sua capacidade de cuidar de si, uma vez que havia procurado o plantão. e que tem enfrentado essa situação tão sofrida já há algum tempo. Agora que tomou uma decisão em sua vida - distanciar-se do que sente com aprisionamento familiar - pode cuidadosamente planejar seus próximos passos.

Quando retornei a ela, fiquei sabendo que, enquanto eu estava na supervisão, ela vira em seu celular diversas ligações e mensagens de um amigo e de sua mãe. Ofereci, então, que, caso quisesse, poderia ligar para sua mãe perto de mim e poderíamos conversar sobre. Ela, por sua vez, disse que ligaria para o amigo primeiro e solicitou que eu ficasse na sala enquanto isso. Na ligação, o amigo perguntou onde ela estava e disse que iria vê-la naquele momento. Aos desligar, ela contou do seu medo de estar sendo um peso para ele, como era desconfortável colocá-lo naquela posição, que sua mãe era problema dela e não de outra pessoa. Perguntei o que ela faria se estivesse no lugar dele e, sem pensar muito, ela me respondeu que o ajudaria e ficaria ao seu lado. Curiosa, perguntei o que a levaria a fazer isso, e, imediatamente, ela disse que era por ser sua amiga. Após alguns momentos de silêncio, eu perguntei se ele não poderia ser um amigo, como ela seria para ele.

Enquanto esperávamos o amigo, ela disse várias coisas muito significativas como a razão de ter sido tão difícil falar. Mencionou sentir-se culpada por queixar-se de sua família. Lembrou-se de bons momentos com sua família no passado, mas que eles já não aconteciam mais. Ponderou também que, naquela manhã, várias pessoas demonstraram preocupação com ela e quiseram ajudá-la, o que a fez questionar-se se poderia ser ajudada. Foi essa dúvida que a manteve ali por horas, apesar de não se sentir capaz de falar do que a afligia. Nesse momento, pediu que eu agradecesse aos primeiros plantonistas que a receberam, pontuando que ela não havia conseguido permanecer na sala.

Ainda conversamos muito sobre a volta para casa e os dias seguintes, que seriam antes do nosso reencontro. Expliquei que em momentos difíceis como aquele, seria bom que ela se cuidasse e se preocupasse com o importante que era o básico: respirar, comer, dormir. Após um tempo, compartilhou comigo que estava pensando em possibilidades de auxílio estudantil para sair de casa.

Quando seu amigo ligou dizendo que já estava no prédio da faculdade, perguntei como ela gostaria que acontecesse quando ele chegasse, se gostaria que eu saísse da sala. Com muita energia e quase que de imediato



disse que não, solicitando que continuasse com ela. Assim o fiz. Ao vê-la, seu amigo a abraçou de uma forma tão terna, que fiquei muito emocionada. Depois de alguns minutos sendo abraçada, ela sorriu para mim e disse “talvez não vai ser tão difícil voltar para casa”. Sorri de volta e falei o quanto ficava feliz por ouvir aquilo. Agendamos nosso reencontro na semana seguinte. Ela se despediu de mim com um abraço e disse que traria uma palha italiana ao nosso próximo encontro. Ou seja, ela planejava voltar!!!

Quando nos encontramos novamente na semana seguinte, ela pareceu muito menos angustiada e contou que caminhos havia vislumbrado e que passos já havia dado na direção de conseguir uma bolsa ou conseguir auxílio estudantil para sair da casa de sua família e experimentar uma vida com menos interferência dela.

Discussão

Destacam-se os diferentes cenários que foram palcos para este atendimento. No primeiro momento, a dupla de plantonistas (que solicitou que uma moça fosse até o banheiro feminino) havia tentado conduzir o atendimento em um dos consultórios da clínica-escola, como de costume. Neste lugar fechado, ela não conseguiu permanecer, sentiu-se desconfortável e sem lugar. Depois, foi a vez do banheiro feminino, de um banco qualquer, da cantina, dos corredores de um prédio cheio de gatos, da arquibancada e, por fim, novamente, uma sala de atendimento. Ou seja, o *setting*, enquanto condição para um atendimento, não se dá por uma estrutura física e rígida, mas pelo modo de se colocar de prontidão do plantonista (Morato, 2006; Evangelista, 2016b; Silva, 2022). Ressalta-se ainda que o atendimento foi finalizado em uma sala de atendimento muito semelhante àquela do primeiro momento. Porém, desta vez aquele ambiente já estava atravessado pela relação que começou a se estabelecer entre a jovem e a plantonista, de modo que a sala de atendimento, não era mais só um lugar físico, mas ocasião de encontro, isto é, algo que acontece para além dele.

Revelou-se também o caráter de “porto seguro” do Plantão Psicológico, pois a cliente não sabia da existência daquele serviço nem mesmo sabia o que exatamente o SPA fazia, o que oferecia, como funcionava. O que ela sabia era que existia alguma coisa da psicologia, que ela já tinha ouvido falar por uma pessoa que ela nem conhecia direito – um segurança que a viu em crise uma vez na vida – e quando ela se percebeu precisando de ajuda para que não acabasse fazendo algo contra si mesma, ela usou dessa informação, um tanto incerta, como referência para o cuidado consigo. E a equipe de plantonistas estava a postos, disponível para recebê-la tal como possível para ela naquele momento e naquela situação. Valida-se, assim, a importância de se ter um serviço ininterrupto que garanta ao seu público atendimentos em um horário e dia pré-definidos (Rocha, 2009; Mahfoud, 2012; Scorsolini-Comin, 2015).

Ainda sobre a forma que a jovem procura a psicologia, fica claro o caráter emergencial daquele pedido de ajuda e, por conseguinte, o seu caráter preventivo (Furigo, 2006). Não dá para adivinhar o que poderia ter acontecido se ela não tivesse sido atendida e nem cabe aqui especulações, no entanto, é inegável o papel fundamental que o atendimento relatado teve para conter a angústia vivenciada e o momento de desespero e desamparo daquela jovem. Papel este que não se deu graças à estrutura de funcionamento do serviço de Plantão Psicológico na UFMG. Pelo contrário, se tal estrutura fosse rígida e não pudesse ser flexibilizada, o próprio *setting* terapêutico teria sido o impedimento para que qualquer coisa acontecesse, visto que a jovem não conseguiu ficar na sala de atendimento. Plástico, o Plantão Psicológico, incorporado na plantonista, pôde responder ao pedido de atendimento nos lugares em que a cliente suportava ficar: banheiro, cantina, escadaria.

O relato apresentado também ilustra o caráter ativo da disponibilidade do plantonista, comentado na introdução deste artigo. Em vários momentos do atendimento, foi preciso que a plantonista se esforçasse para estar atenta a jovem diante dela e estivesse a todo momento também se percebendo para não desviar a sua atenção para outras coisas. A paciência e serenidade para acompanhar aquela jovem, respeitando o tempo dela, não foi tarefa fácil. Foi preciso muita diligência para conseguir renunciar à angústia em testemunhar um sofrimento tão intenso, assim como para suportar o desconforto de não saber o que poderia ser feito para contribuir para que diminuísse.

Ademais, entende-se que o que motivou a procura pela psicologia foi um sofrimento existencial. Sofrimentos mais intensos são indicativos de “uma interrupção na continuidade da existência biográfica, seja por um acontecimento que irrompe e dissolve a familiaridade do ser-no-mundo, seja pela des-singularização promovida pelos mundos habitados.” (Evangelista, 2016b, p. 151). O relato de experiência desta plantonista indica que a cliente perdera a familiaridade com seu mundo. O encontro propiciou o desvelamento a ela de que poderia estar por demais aprisionada em determinações alheias, proibida de ser-si-mesma, de decidir por si que possibilidades assumir e deixar de lado.

Na narrativa, a possibilidade de comer um doce juntas – algo que raramente se reconhece como possível no contexto tradicional de atendimento psicológico – parece ter sido uma virada na situação vivida naquele encontro. Na perspectiva da plantonista, fica claro o quanto este momento abriu para que algo diferente pudesse acontecer entre elas, como se a angústia de não saber o que fazer e a preocupação com a jovem cedesse espaço para a esperança de finalmente conseguir ouvi-la e ajudá-la. Para corresponder a essa possibilidade, a plantonista precisou suspender seus pressupostos sobre o que é um atendimento psicológico – pelo menos sobre a exigência de que seja centrado na fala e ocorra em consultório. Olhando para a jovem, ao propor o doce,



parece que o extremo e doloroso estranhamento que caracterizava sua presença ali começava a ceder, abrindo espaço para o reencontro com alguma familiaridade. Da mesma forma que a proximidade com os gatos - o gesto de acariciar, que é um cuidado afetivo - parece ter contribuído para a diminuição do sofrimento. Assim, é possível afirmar que a cliente, que chegara restrita em seu poder-ser, considerando efetivar uma impossibilidade já experienciada, pôde conduzir-se de volta à familiaridade pelo encontro ofertado pela plantonista.

Evidentemente, esta reflexão é posterior ao atendimento realizado. Durante o atendimento, a sensibilidade, a prontidão e a flexibilidade para lidar com o inesperado da plantonista propiciaram um encontro entre existências que devolveu à cliente sua responsabilidade por ser si-mesmo tal como singularmente possível. Nesse sentido, cumpriu o sentido de ação clínica descrito por Barreto & Morato (2022): ser “espaço aberto, condição de possibilidade para a emergência de uma transformação não produzida, mas emergente em forma de reflexão, aqui compreendida como quebra do estabelecido e condição necessária para novo olhar poder emergir” (p. 50).

Considerações Finais

A investigação e o interesse genuínos da plantonista para compreender a cliente permitiu uma intervenção que culminou na compreensão e apropriação de si daquela que, no primeiro momento, estava incapaz de agir no mundo, limitada à possibilidade de chorar. Pode-se dizer que o papel da plantonista foi facilitar o acontecer da narrativa de uma história, à medida que auxiliava a cliente a recordar-se da sua própria história para além daquela situação foi cumprido (Silva, 2022). Do mesmo modo, o Plantão Psicológico promoveu a rearticulação do sentido do sofrimento psicológico com o ser daquela jovem que estava reduzida ao sofrimento e à angústia. Embora tenha tido um retorno, o atendimento não precisou de encaminhamento para demais serviços, confirmando a capacidade da cliente enfrentar a situação vivenciada, assim como contribuiu para sua autonomia. Isto posto, a relevância dos atendimentos de Plantão Psicológicos é mais uma vez validada e reafirmada.

Sobre o *setting*, a plasticidade do Plantão Psicológico ganha evidência, chamando atenção para o quanto é uma de suas características fundamentais, assim como a disponibilidade para o outro que vem ao encontro. Foi apenas por isso, que o atendimento relatado pôde acontecer e auxiliar quem pediu por ajuda e amparo.

Referências

- Barreto, C. & Morato, H.T.P. (2022). Ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. Em: H.T.P. Morato; C. Barreto & A. Nunes (Orgs) *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial* (pp. 41-51). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Branco, P. C. C. (2022). Aspectos epistemológicos, históricos e contemporâneos do serviço de plantão psicológico: ensaio reflexivo. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 2(2), 265-274. Recuperado de <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/128>
- Cury, V. E. & Ramos, M. T. (2009). Plantão psicológico em clínica escola: Prática e pesquisa. Em: J. O. Breschigliari & M.C. Rocha (Orgs). *SAP - Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história* (pp. 133-142). São Paulo: CCP-PSA/IPUSP. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/sites/default/files/livro%20SAP_15_12_2015.pdf
- Dutra, E. (2002) A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(2), 371-378. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>
- Evangelista, P. E. R. A. (2016a). *Psicologia Fenomenológica Existencial - A Prática psicológica à luz de Heidegger*. Curitiba: Juruá.
- Evangelista, P. E. R. A. (2016b). Temporalidade kairológica do Dasein e Plantão Psicológico. Em: P. E. R. A. Evangelista; H. T. P. Morato & P. V. B. Milanesi. *Fenomenologia existencial e prática em psicologia: Alguns estudos* (pp. 147-158). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Freitas, M. & Pereira, E. R. (2018). O Diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia*, 20(3). <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>
- Furigo, R. C. (2006). *Plantão psicológico: uma contribuição da clínica junguiana para Atenção Psicológica na área da Saúde*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.



- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp/Petrópolis: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2009). *Os Seminários de Zollikon - Protocolos, Diálogos, Cartas*. Trad. Maria de Fátima A. Prado & Gabriella Arnhold. Petrópolis: Editora Vozes.
- Larcher, L. (2019). O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. *OuvirOUver*, 15(1), 100–111. <https://doi.org/10.14393/OUV24-v15n1a2019-7>
- Lima, D. F., & Ribeiro, M. S. (2018). Plantão Psicológico e Acontecência do Cuidado: problematizando um “não-lugar”. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2), 291-301. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2845>
- Mahfoud, M. (2012). A vivência de um desafio: plantão psicológico. Em: Miguel Mahfoud (Org.). *Plantão Psicológico: Novos Horizontes* (pp. 17-29). São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahfoud, M. (2013). Desafios sempre renovados: Plantão Psicológico. In: M. A. Tassinari; A. P. S. Cordeiro & W. T. Durange (Orgs.). *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa* (pp. 33-50). 1ed. Curitiba: CRV.
- Mahfoud, M. (2018). Subjetividade como acontecimento, centro pessoal e plantão psicológico: horizontes reabertos. Em: J. P. Giovanetti (Org.). *Fenomenologia e Psicologia Clínica* (pp. 53-72). Belo Horizonte: Artesã.
- Machado, M. M. (2002). O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas. *Sala Preta*, 2, 260-263. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p260-263>
- Morato, H. T. P. (1999). Serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP: aprendizagem significativa em ação. In: H.T.P.Morato (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios* (pp. 27-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morato, H. T. P. (2006). Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? *VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas*. Vitória: UFES. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6279901-Pedido-queixa-e-demanda-no-plantao-psicologico-querer-poder-ou-precisar.html>> Acessado em 29 de fevereiro de 2020.
- Morato, H. T. P. (2019). Plantão Psicológico: inventividade e plasticidade. *IX Simpósio de práticas psicológicas em instituições - Atenção psicológica: fundamentos, pesquisa e prática*. Disponível em: <<https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>> Acessado em 5 de agosto de 2019.
- Oliveira, R. C. M. (2014). (Entre)linhas de uma pesquisa: O Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 2(4). Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>
- Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2004). *Na presença do sentido - Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: Paulus / EDUC.
- Rocha, M.C. (2009). Plantão Psicológico: desafios e potencialidades. Em: J. O. Breschigliari & M.C. Rocha (Orgs), *SAP - Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história* (pp. 103-115). São Paulo: CCP-PSA/IPUSP. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/sites/default/files/livro%20SAP_15_12_2015.pdf
- Roese, A., Gerhardt, T. E., Souza, A. C. & Lopes, M. J. M. (2006). Field Diary: construction and utilization in scientific researches. Bibliographic analysis. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(3). <https://doi.org/10.17665/1676-4285.2006598>
- Rosenthal, R. (2012). Plantão psicológico no Instituto Sedes Sapientiae. Em: Miguel Mahfoud (Org.). *Plantão Psicológico: Novos Horizontes* (pp. 31-44). São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Schmidt, M. L. S. (2004). Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 21(3), 173-192. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300003>
- Scorsolini-Comin, F. (2015). Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. *Psico-USF*, 20(1), 163-173.



- Silva, M. C. R. F. (2022). *Plantão Psicológico na UFMG: história de um serviço* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. <http://hdl.handle.net/1843/45028>
- Soares, A. N., Silveira, A. P. de O., Silveira, B. V. da, Vieira, J. S., Souza, L. C. B. A., Alexandre, L. R., Paula, L. V. de, Cirilio, P. B., & Spagnol, C. A. (2011). O diário de campo utilizado como estratégia de ensino e instrumento de análise do trabalho da enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 13(4), 665–70. <https://doi.org/10.5216/ree.v13i4.10415>
- Souza, B. N. & Souza, A. M. (2011). Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 241-249. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200011>
- Stajner-Popovic, T. (2001). 'Disguise or consent: Problems and recommendations concerning the publication and presentation of clinical material' by Glen O. Gabbard and the editorial by David Tuckett. *The International Journal of Psychoanalysis*, 82(2), 415-424. <https://doi.org/10.1516/JX3R-Y29Y-7CKV-JQ6N>
- Tassinari, M. A. (2013). Apresentação. In: M. A. Tassinari, A. P. S. Cordeiro & W. T. Durange (Orgs). *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa* (pp. 5-15). Curitiba, PR: CRV.
- Tassinari, M. A. & Durange W. T. (2012). Plantão psicológico o florescimento da psicologia pós-moderna: o drama da transmutação. *Revista enfoque humanístico*, (21), pp.1-20.
- Vanconcelos, T. P., Sousa, A. F. e Cavalcante Jr., F. S. (2009). O Plantão psicológico como interface na atualização das práticas e teorias da Abordagem Centrada na Pessoa: Apontamentos acerca da formação de terapeutas formativos. Em: J.O. Breschigliari & M.C.Rocha (Orgs). *SAP - Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história* (pp. 121-132). São Paulo: CCP-PSA/IPUSP. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/cmip/sites/default/files/livro%20SAP_15_12_2015.pdf

Submetido em 08.05.2020 – Primeira Decisão Editorial em 28.09.2022 – Aceito em 24.11.2022